

APRESENTAÇÃO

O LEGADO DE JANE AUSTEN 250 ANOS APÓS O SEU NASCIMENTO

Durante todo o ano de 2025, para além do universo literário, Jane Austen certamente foi a mais ilustre personalidade celebrada ao redor do mundo em comemorações que envolveram desde chás literários organizados por leitoras até grandes congressos acadêmicos, resultando em diversas exposições, além de novas adaptações de suas obras. No Brasil, foram muitos os eventos comemorativos espalhados por todo o país. Quem poderia imaginar que uma mulher de vida simples, que um dia publicou anonimamente, seria tão aclamada mais de dois séculos depois?

Há 250 anos, no dia 16 de dezembro de 1775, na pequena cidade de Steventon, no sul da Inglaterra, nascia a mais amada e celebrada escritora de todos os tempos. Filha do reverendo anglicano George Austen e de Cassandra Austen, Jane foi uma dos oito filhos do casal. As mulheres na sociedade georgiana vigente não tinham direito à educação formal. Algumas poucas frequentaram colégios internos, os quais ficaram conhecidos pelas condições precárias de higiene que levaram centenas de meninas à morte por doenças como a tuberculose. Como George Austen valorizava a educação e não fazia distinção entre seus filhos, Jane frequentou uma escola em Oxford, mas devido às más condições, permaneceu ali por pouco tempo. Seu pai assumiu para si a responsabilidade de seus estudos, servindo-lhe como tutor e deixando a sua vasta biblioteca à disposição sem restrições. É válido lembrar que naquela época os livros eram artigos de luxo, e que mulheres não eram encorajadas à leitura, muitas sequer eram propriamente alfabetizadas. A menina Jane cresceu, assim, cercada de livros e da natureza. Começou a escrever os seus primeiros textos e poemas aos 11 anos, aos 17 anos já havia escrito contos, romances e peças de teatro, textos que hoje são conhecidos como juvenília ou textos da juventude.

Mas a vida de Austen teve muitas reviravoltas. Quando seu pai faleceu repentinamente, ela, sua irmã Cassandra e sua mãe ficaram completamente desamparadas já que, além de serem mulheres, não eram de família nobre, não tinham posses, sobreviviam do salário do reverendo. Passaram anos vivendo de favores de membros da família, mudando-se constantemente, até que em 1809 finalmente foram acolhidas por um dos irmãos mais abastados em Chawton, que lhes deu uma casa, lugar onde Jane Austen revisou e publicou os seus 6 romances,

dois deles publicados postumamente. Para quem conhece a sua obra, no romance *Razão e Sensibilidade*, o primeiro publicado em 1811, as irmãs Marianne e Elinor passam por essa mesma situação de desamparo junto da mãe quando o pai delas morre. Essa situação era conhecida das mulheres da época, pois a priori, por uma questão de gênero, mulheres não tinham direito à herança, a não ser em caráter excepcional por meio de adequações legais. Ao mesmo tempo, mulheres da classe média burguesa não podiam trabalhar, de forma que não tinham possibilidade alguma de independência: na prática, as mulheres eram consideradas propriedades de seus pais que deveriam ser passadas posteriormente aos seus maridos. A obra de Austen faz uma denúncia dessa condição das mulheres em uma sociedade que se pretendia equilibrada, racional, pautada nos valores iluministas, mas que, na verdade, deixou as suas mulheres de fora desses mesmos valores. Por meio de uma escrita única marcada pelo discurso indireto livre e a ironia afiada, Jane Austen publicou romances anonimamente para não manchar o nome de sua família, assinando apenas com um “by a lady”, o que marcava a sua autoria feminina. Jane dá vida a protagonistas femininas diversas, grandes heroínas, como a destemida e desbocada Elizabeth Bennet, a ingênua e atrapalhada Emma Woodhouse, a sonhadora e apaixonada Marianne Dashwood, a resiliente e perspicaz Anne Eliot, entre tantas outras personagens femininas que ganharam o mundo, transpondo as barreiras do tempo e do espaço, e que compõem até hoje o nosso imaginário.

Suas obras tiveram grande aceitação já na época em que foram publicadas, de maneira que Austen conquistou um grande feito enquanto mulher: sua independência financeira. Na contramão das convenções sociais, Austen recusou-se casar apenas por uma estabilidade financeira. Apoiada por sua irmã Cassandra e por sua mãe, as quais assumiram as tarefas domésticas da casa, Jane pode escrever, apostou em seu talento e viveu de sua pena. Um século depois, a já reconhecida escritora Virginia Woolf celebrou em seus ensaios *The common reader* (1925) e *A room of one's own* (1929) a coragem e a importância de Jane Austen como desbravadora de um caminho artístico-literário independente em um tempo em que isso seria inimaginável: “For, of all great writers, she is the most difficult to catch in the act of greatness[...] She is a mistress of much deeper emotion than appears upon the surface. She stimulates us to supply what is not there.” (1925)

Por diversas vezes ao longo da história, sua obra foi criticada por supostamente não abordar questões políticas relevantes, tendo em vista o contexto histórico vigente, marcado por grandes guerras e mudanças significativas como a revolução industrial, vale destacar que Austen pode ser considerada uma abolicinista, de modo que abordou a escravidão de forma bastante complexa no romance *Mansfield Park* de 1814. Há pouco tempo foram descobertas cartas que atestam que três de seus seis irmãos envolveram-se publicamente no movimento abolicionista britânico. Henry Thomas Austen (1771-1850), o irmão favorito de Jane, um ex-banqueiro que se tornou clérigo, serviu como delegado na Convenção Mundial Anti-Escravidão

em Londres em 1840. Francis William Austen (1774-1865) conhecido como Frank, um oficial da Marinha Real Britânica que mais tarde se tornou almirante, atuou abertamente como ativista local anti-escravidão em Gosport. Em 1826, ele propôs uma petição ao Parlamento pedindo a abolição da escravidão nas colônias das Índias Ocidentais. Charles John Austen (1779-1852), o irmão mais novo de Jane, também um oficial da Marinha, patrulhou o comércio ilegal de escravos nas Índias Ocidentais. Ele escreveu uma carta a um jornal inglês em 1826 descrevendo a captura de um navio negreiro e as condições horríveis a bordo. Além disso, Austen criou uma protagonista negra chamada Georgiana Lambe no romance *Sanditon*, infelizmente inacabado devido à sua morte precoce aos 41 anos, sendo sepultada na Catedral de Winchester sob uma lápide que, na época, sequer a reconhecia como escritora.

Em consonância com as comemorações em âmbito global dos 250 anos do nascimento de Jane Austen, essa edição especial da *Revista Itinerários* constitui o primeiro dossiê de um periódico acadêmico brasileiro inteiramente dedicado à autora, de forma que se buscou atualizar as reflexões acerca da obra e da vida da escritora, sobretudo no contexto acadêmico brasileiro, ressaltando-se a importância de seu legado para a história da literatura ocidental. Apresentam-se, assim, discussões que versam sobre o complexo universo austeniano, como questões de gênero -não apenas literário - recepção, adaptações para outras mídias, abarcando todas as fases de sua escrita, isto é, desde os textos da juventude, passando pelos seis romances publicados, além dos manuscritos inacabados.

No que se refere ao gênero literário, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos tece reflexões importantes sobre a arte do romance em Jane Austen, buscando pistas da formação literária da autora a fim de refletir de que maneira isso se manifesta em sua escrita. Nesse sentido formativo, Julia Romeu apresenta-nos uma análise comparativa entre Jane Austen e a escritora Jane West, precursora de Austen, apontando-nos caminhos convergentes e divergentes na obra de ambas, tanto sob o ponto de vista estrutural, quanto temático.

Os estudos voltados às representações femininas e às formas de subjetividade nas obras de Jane Austen também são examinados neste dossiê. Nesse contexto, Débora Souza da Rosa analisa *Razão e Sensibilidade* a partir da construção do bom senso feminino no contraste entre Elinor e Marianne Dashwood, demonstrando como prudência e racionalidade funcionam como estratégias de sobrevivência moral diante das limitações impostas às mulheres no período. Em diálogo com questões de gênero e sexualidade, Ruan Nunes Silva propõe uma releitura queer de *Lady Susan* a partir da interseção entre crítica feminista e estudos queer, enfatizando a invisibilidade lésbica na construção da protagonista. Já Milene de Almeida Silva e Solange Peixe Pinheiro de Carvalho analisam a protagonista sob a ótica da semiótica francesa e da teoria da identidade narrativa, evidenciando tensões entre autonomia, performance social e normas de gênero.

Outro eixo significativo deste dossiê dedica-se às relações entre afetividade, ironia e construção narrativa. Marcela Santos Brigida discute *Orgulho e Preconceito* a partir da teoria do afeto, investigando como emoções, julgamentos sociais e releituras subjetivas moldam a relação entre Elizabeth Bennet e Darcy por meio das emoções, julgamentos sociais e processos de releitura. Já Maria Clara Pivato Biajoli revisita o romance por meio de uma fala de Mr. Darcy sobre bibliotecas, buscando evidenciar as referências históricas presentes na obra e desconstruir a ideia de que Jane Austen seria uma autora apolítica. Para isso, contextualiza sua relação com questões históricas e mostra como leituras atentas ao contexto podem alterar a interpretação de seus romances. Em outra perspectiva, Guilherme Lentz da Silveira Monteiro interpreta *Emma* como um jogo lúdico estruturado pelas quatro estações do ano, ressaltando a dimensão simbólica da organização narrativa do romance e a maneira como cada estação enfatiza personagens e dinâmicas específicas. Também voltado às estratégias narrativas de Austen, Paula Pope Ramos argumenta que *Northanger Abbey* mobiliza o gótico não apenas como paródia, mas como metodologia crítica capaz de articular reflexões sobre autoridade patriarcal, construção narrativa e expectativas de gênero.

A imagem pública de Austen e suas transposições midiáticas são também discutidas neste volume. Martha Julia Martins examina diferentes formas de construção da imagem de Jane Austen por meio de biografias, destacando três vertentes: a sentimental, que preserva uma imagem doméstica e familiar; a revisionista, que a insere como sujeito histórico e intelectual; e a mercadológica, que a transforma em produto cultural alinhado a lógicas contemporâneas de consumo. No campo das adaptações audiovisuais, as tensões entre o texto e a imagem são amplamente debatidas. Cynthia Beatrice Costa e Lenita Maria Rimoli Pisetta argumentam que, nas adaptações audiovisuais das obras de Jane Austen, como *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, há uma tendência de enfatizar o romance em detrimento da ironia, devido à ausência do narrador em terceira pessoa, elemento central na construção do estilo da autora. Como contraponto, a adaptação *Love & Friendship* (2016), dirigida por Whit Stillman, baseada em *Lady Susan*, demonstra que é possível recriar a ironia austeniana por meio de recursos cinematográficos, evidenciando os desafios e as possibilidades da transposição da literatura para o audiovisual. Por sua vez, Genilda Azerêdo explora as adaptações audiovisuais de *Emma*, de Jane Austen, investigando a relação entre adaptação e ironia, inicialmente partindo da hipótese de que esse elemento central da obra se perderia na transposição para o audiovisual. Enquanto Liz Yana de Lima Martinez e Páscoa Maria Pereira Duarte trazem Austen para o século XXI ao comparar *Emma* com a websérie *Emma Approved*, discutindo temas como feminismo, privilégio e valores patriarcais são reinterpretados do contexto da Inglaterra da Regência para o ambiente digital contemporâneo. Ainda sobre a temática de adaptações, Munike Martins Bonet analisa o filme de *Persuasão* (2022), dirigida por Carrie Cracknell,

discutindo as tensões entre literatura e cinema a partir dos debates sobre fidelidade, intermedialidade e adaptação como processo de ressignificação estética e ideológica.

Ao examinar as influências de Austen, Maria Aparecida de Oliveira discute a conexão entre a escritora e Virginia Woolf, explorando como ambas subverteram as limitações do espaço doméstico e da falta de privacidade para criar uma linguagem própria. Além disso, o estudo reafirma a importância de Austen como precursora de outras escritoras, cujas influências estão diretamente ligadas à escrita de Woolf. Sob essa perspectiva, Margarete Afonso Borges Coêlho analisa o legado de Jane Austen ao longo de 250 anos, destacando sua importância na consolidação do romance inglês por meio da ironia, da crítica social e da representação da consciência feminina em contextos patriarcais. A partir de uma abordagem histórico-literária e comparatista, o estudo evidencia como sua obra articula formação moral, agência feminina e resistência discursiva.

O presente dossiê conta, ainda, com a entrevista de Michael Kramp, docente e pesquisador na Universidade Lehigh nos Estados Unidos, destacando-se por seu trabalho *Jane Austen and the future of humanities*, por meio do qual tem viajado pelo mundo colhendo relatos de especialistas em Jane Austen.

Assim, ao celebrar os 250 anos de nascimento de Jane Austen, este dossiê reafirma não apenas a permanência da sua obra, mas também a força crítica, estética e política de sua escrita que continua a inspirar leitores, pesquisadoras e adaptações em diferentes mídias ao redor do mundo. Ao reunir estudos voltados para questões de gênero, ironia, subjetividade, recepção, tradução, intermedialidade e tradição literária de autoria feminina, esta edição evidencia a vitalidade do universo austeniano e sua capacidade de dialogar com os debates contemporâneos. Mais do que uma autora consagrada no cânone literário, Austen permanece como uma voz inquieta e transformadora, cuja obra continua a desafiar (re)leituras e a inspirar novas interpretações. Espera-se, portanto, que este volume contribua para o fortalecimento dos estudos austenianos no Brasil, ampliando o espaço de reflexão crítica sobre uma escritora que, dois séculos e meio depois de seu nascimento, permanece profundamente atual.

Adriana Sales
Natália Barcellos

